

Roteiro Pedagógico

06

Trabalho

Nesta aula ou oficina propomos reflexões sobre os trabalhos que criam e sustentam o mundo em que vivemos. Partimos de um exercício que se debruça sobre a própria vida das participantes para desenvolver coletivamente um entendimento sobre o que é trabalho, como ele está distribuído na nossa sociedade e qual é o valor que damos às diferentes atividades que permeiam nosso cotidiano. O roteiro levanta, também, debates sobre a importância de entender como a desvalorização de certas atividades caminha lado a lado com a desvalorização das pessoas que desempenham essas funções, e sobre a importância de compreendermos que os diferentes mundos do trabalho são mais interligados e interdependentes do que normalmente conseguimos perceber.

A partir do filme *Digo às companheiras que aqui estão* e da leitura de trechos do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, abrimos a discussão sobre o lugar do trabalho doméstico no Brasil e suas raízes históricas que remontam ao período da escravidão e à desvalorização dos trabalhos atribuídos às mulheres. Partimos das reflexões elaboradas por Lenira Carvalho para levantar debates sobre as dimensões de gênero, raça e classe que atravessam os trabalhos que desempenhamos, estabelecendo diálogo com as concepções de mundos do trabalho de Verônica Ferreira, Rivane Arantes e Carmen Silva e com o conceito de divisão sexual do trabalho.

Objetivos

- Promover reflexões sobre o que é trabalho e como ele está distribuído na sociedade e nas nossas vidas.
- Refletir sobre a imbricação entre as desigualdades de classe, raça e de gênero nos mundos do trabalho.
- Levantar discussões sobre o valor do trabalho doméstico na sociedade em que vivemos.

Roteiros pedagógicos que se relacionam:



Trabalho

Percurso metodológico

Tempo total estimado: 3h15

- 45' MOMENTO 1.
Sensibilização
- 90' MOMENTO 2.
Digo às companheiras que aqui estão
- 45' MOMENTO 3.
Debate dirigido
- 15' MOMENTO 4.
Exposição final

Materiais necessários

01. Dispositivos para exibição do filme *Digo às companheiras que aqui estão*.
02. Cópias dos Anexos.
03. Cópias do texto “Lenira Carvalho e os mundos do trabalho” (opcional).

Preparação

Para realizar a aula ou oficina, sugerimos que a educadora se prepare com os seguintes materiais:

- Ver o filme *Digo às companheiras que aqui estão*.
- Ler o texto “Direitos das trabalhadoras domésticas: uma luta de todo o movimento de mulheres”, do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.
- Para maior aprofundamento dos temas abordados, sugerimos a leitura das demais indicações sugeridas neste roteiro pedagógico.

Para aprofundar

Estes materiais servem como uma boa consolidação dos aprendizados:



Capítulo “Um outro mundo do trabalho é possível e necessário”, do livro **Nosso Trabalho sustenta o mundo**, organizado por Carmen Silva, Rivane Arantes e Verônica Ferreira. Publicado pelo SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia.

Introdução do livro **Os cuidados do Brasil: mercado de trabalho e percepções**, organizado por Hildete Pereira de Melo, Lucilene Morandi e Lorena Lima de Moraes. Publicado pela Fundação Friedrich Ebert Brasil.

Estes materiais podem contribuir para um maior aprofundamento dos debates:



O tempo de trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência, de Maria Betânia de Melo Ávila.



www.leniracarvalho.com.br/roteiro6

Passo a passo

Momento 1. Sensibilização

Distribuir entre o grupo a ficha “O que fazemos com o nosso tempo?” (Anexo). Se o grupo for composto por pessoas adultas, solicitar que preencham individualmente a planilha, marcando os períodos que dedicam ao longo do dia a diferentes atividades. Solicitar que destaquem, também, os momentos do dia em que têm “tempo para si”, seja para lazer, descanso ou simplesmente quando não têm atividades previstas. Se o grupo for composto por jovens ou adolescentes, sugerir que escolham uma pessoa do seu núcleo familiar e descrevam, na ficha, como é a rotina dessa pessoa, incluindo as atividades que desempenham e o que consideram o tempo livre dessas pessoas. Ao final do exercício, solicitar que três voluntárias compartilhem as suas respostas. A partir das informações compartilhadas pelas participantes, a educadora deve estar atenta aos tipos de trabalho que foram contabilizados ou não, e desenvolver as seguintes reflexões com o grupo, adequando as perguntas a depender de como o exercício foi realizado, ou seja, se as participantes realizaram a atividade pensando no próprio dia ou no dia de outra pessoa:

- O que é trabalho para vocês? Dentro das atividades marcadas, quais delas vocês entendem que são trabalho? O que caracteriza o que consideramos trabalho?
- Quanto tempo dedicamos ao trabalho? Isso é visível para nós mesmas e para as outras pessoas? E quanto tempo do dia temos livre, para nós mesmas?
- O trabalho realizado fora de casa é trabalho? O trabalho realizado dentro de casa é trabalho? O que diferencia um do outro?
- Existe algum padrão na forma como o trabalho é distribuído na sociedade, ou seja, na forma como se determina quem é responsável pelo quê? Qual é o impacto que isso tem na rotina das pessoas e no tempo que elas têm para si próprias?
- Os diferentes tipos de trabalho têm o mesmo valor na sociedade? Por quê?

Momento 2. *Digo às companheiras que aqui estão*

Assistir ao filme *Digo às companheiras que aqui estão* (34min) e pedir para as participantes compartilharem as primeiras impressões.

Momento 3. Debate dirigido

Após o momento inicial de debate livre, solicitar que três pessoas leiam três trechos do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, de Lenira Carvalho, disponíveis no Anexo deste roteiro. A sugestão é que a primeira voluntária leia o primeiro trecho e logo após essa leitura, seja aberto um espaço para debate coletivo sobre aquele trecho. Depois, esses mesmos passos devem ser repetidos com o segundo trecho e, por fim, com o terceiro trecho. Reservar em torno de 20 minutos de debate por leitura. A seleção dos trechos a serem lidos deve ser feita pela educadora, a depender das ênfases que queira dar à discussão. Se considerar pertinente, ela pode também desenvolver a atividade propondo a leitura de mais trechos, fazendo o devido ajuste no tempo necessário para a atividade.

Momento 4. Exposição final

Para concluir a aula ou oficina, é importante que a educadora conecte as contribuições do grupo com reflexões sobre as imbricações entre gênero, raça e classe na forma como o mundo em que vivemos está organizado; lance luz sobre a importância de percebermos que as diferentes atividades desempenhadas na sociedade estão mais interligadas do que normalmente percebemos; e sintetize reflexões sobre por que o trabalho doméstico é tão desvalorizado. Ao final, o texto “Lenira Carvalho e os mundos do trabalho” pode ser distribuído para leitura posterior.

Lenira Carvalho e os mundos do trabalho

Ao longo de sua vida, Lenira Carvalho se dedicou à luta para que o trabalho doméstico fosse reconhecido como profissão e tivesse seu valor social respeitado. Nesse processo, percebeu que, para alcançar esses objetivos, era necessário conquistar direitos trabalhistas para a categoria e garantir as condições para que esses direitos fossem cumpridos. Além da garantia dos direitos trabalhistas, também era necessário que as empregadas domésticas fossem respeitadas como pessoas, trabalhadoras e cidadãs. No livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, ela compartilha que houve mudanças em relação à conquista de direitos, mas o cumprimento desses direitos continua sendo um grande desafio e a discriminação e a cultura que existem em relação ao trabalho doméstico ainda não mudaram. Por que será que esse trabalho é tão desvalorizado, quando, como nos lembra Lenira, “o trabalho doméstico é muito mais que lucro, ele gera vida”?

Questionamentos semelhantes a esse foram feitos ao longo da pandemia da Covid-19. Uma das estratégias de enfrentamento para conter a propagação do vírus, quando ainda não havia vacinas, foi o isolamento social. Como não era possível parar todas as atividades humanas que fazem uma sociedade funcionar, em todo o mundo se discutiu quais eram os trabalhos essenciais. Ou seja, quais eram aqueles trabalhos indispensáveis para o funcionamento de qualquer cultura, economia e organização política, e que, portanto, não podiam parar. É irônico pensar que, entre os trabalhos considerados essenciais, estavam trabalhos muito desvalorizados, como os trabalhos que geram vida, para além de lucro. Não foi possível parar de dar à luz e de cuidar de crianças, de pessoas idosas, doentes, ou de amigos e familiares, de manter lares e comunidades em funcionamento, de produzir e preparar alimentos, de limpar os nossos resíduos, de garantir o transporte de alimentos, remédios e pessoas etc. Mas, se são essenciais, por que esses trabalhos estão, normalmente, entre os mais desvalorizados? Por que estão entre os mais mal pagos e com as piores condições para sua execução? Quem são as pessoas que realizam normalmente esses trabalhos? Quais são as suas identidades de gênero, raciais e em que estratos da sociedade estão posicionadas?

Quando olhamos para a organização do trabalho na nossa sociedade, percebemos que ele não é um bloco coeso no qual mulheres e homens, pretos e brancos, ricos e pobres recebem remuneração proporcional às suas funções e à quantidade de trabalhos que realizam. O mundo do trabalho é organizado pelos sistemas capitalista, patriarcal e racista, o que cria, a partir da exploração e da dominação de umas pessoas em relação a outras, diferentes mundos do trabalho.

Vivemos uma divisão entre classes sociais na qual uma minoria, que detém ou controla os meios de produção de bens e de serviços (dinheiro, terra, equipamentos, matérias-primas, tecnologias, titulações etc.), enriquece a partir da exploração do que é produzido pela maioria trabalhadora, que vive a partir da venda de sua força de trabalho. Vivemos uma divisão sexual do trabalho na qual certas atividades são atribuídas historicamente aos homens e outras às mulheres e, nesta divisão, os trabalhos considerados masculinos são mais valorizados que os considerados femininos. E vivemos, também, uma divisão racial do trabalho, que mantém uma ligação direta com o período de escravidão no país, cujos trabalhos são divididos entre brancos e não brancos. E basta observar quem são, na maior parte das vezes, as pessoas com cargos mais altos e valorizados para perceber que o prestígio e o poder econômico estão concentrados nas mãos da população branca.

Um olhar para o lugar que o trabalho doméstico remunerado ocupa na nossa sociedade nos ajuda a pensar sobre tudo isso, ou seja, sobre como os trabalhos que realizamos estão distribuídos com base em desigualdades de gênero, raça e classe social. Isso implica não apenas na distribuição desigual do valor que damos a esses trabalhos, mas também no valor dado às pessoas que os exercem. A desvalorização de certos trabalhos caminha lado a lado com o estigma vivido pelos grupos sociais que exercem essas funções.

O trabalho doméstico remunerado no Brasil é realizado majoritariamente por mulheres, de classes populares e pretas. Para entender a desvalorização que ele sofre, é preciso olhar, como já falamos, para as heranças que o país ainda guarda do período da escravidão, quando os

trabalhos braçais eram realizados pela população negra e indígena escravizada e entendidos como de menor prestígio. Entre esses trabalhos, estava também o cuidado da casa, da alimentação, das crianças e idosos das famílias de elite, realizado por mulheres negras escravizadas. Em *A luta que me faz crescer e outras reflexões*, Lenira Carvalho chama atenção para o fato de que até para outras categorias de trabalhadoras de classes populares é necessário provar que o trabalho doméstico é também um trabalho e é um trabalho tão digno quanto qualquer outro. Isso está relacionado a outra faceta da desvalorização do trabalho doméstico: a sua associação com as mulheres e a ideia de que são tarefas naturalmente femininas, realizadas com amor e que não envolvem grande complexidade. No cotidiano de muitas famílias, esse trabalho é simplesmente invisível. Ele é essencial para que tudo funcione, mas não é visto por quem não o realiza.

A discussão sobre a divisão e hierarquização entre “trabalhos femininos” e “trabalhos masculinos” nos ajuda a pensar na própria concepção que temos sobre o que é trabalho. Trabalho é toda atividade que cria o mundo em que vivemos e, no sistema capitalista, é a forma de riqueza enquanto produção de bens e serviços. Quando dizemos que o trabalho cria o mundo em que vivemos, não estamos falando apenas de prédios, carros ou dos outros bens que consumimos, mas também de todas as condições de manutenção do nosso cotidiano, da transmissão da cultura, dos alimentos, da criação de seres humanos, entre outras. Essas atividades normalmente não são entendidas como trabalho, mas se as pessoas que limpam as casas, cuidam das crianças e dos idosos e produzem a comida simplesmente parassem de trabalhar, como o resto do mundo, e inclusive os outros trabalhos, poderiam continuar funcionando? Essa é uma reflexão importante para entendermos como as diferentes atividades que desempenhamos na vida estão muito mais interligadas do que aparentam e que a desvalorização de certos trabalhos está ligada às

condições históricas de construção da sociedade em que vivemos e não da suposta falta de importância desses trabalhos para as nossas vidas.

Por meio do trabalho também criamos a nós mesmas e construímos as nossas identidades. O trabalho pode ser fonte de criatividade e realização para algumas pessoas, mas pode ser apenas uma experiência de exploração e aprisionamento para outras, numa sociedade em que algumas pessoas podem definir com o que trabalham e outras não. Para que algumas pessoas possam escolher não fazer certos trabalhos, é preciso que outras os realizem por elas. Dessa forma, a divisão do trabalho na sociedade produz desigualdades por meio da exploração, quando a produção da riqueza, a capacidade das trabalhadoras e o uso de seu tempo são apropriados por outros sujeitos, empresas ou instituições, que detêm os lucros gerados pelo trabalho dessas pessoas. Com o trabalho doméstico remunerado também é assim. As classes mais ricas liberam seu próprio tempo para fazer outras atividades, contratando pessoas com baixos salários para cuidar das suas casas ou das suas filhas. A invisibilidade, a desvalorização e as origens históricas desse trabalho fazem com que ele seja realizado por mulheres pobres que muitas vezes não tiveram acesso a outras possibilidades nos mundos do trabalho remunerado.

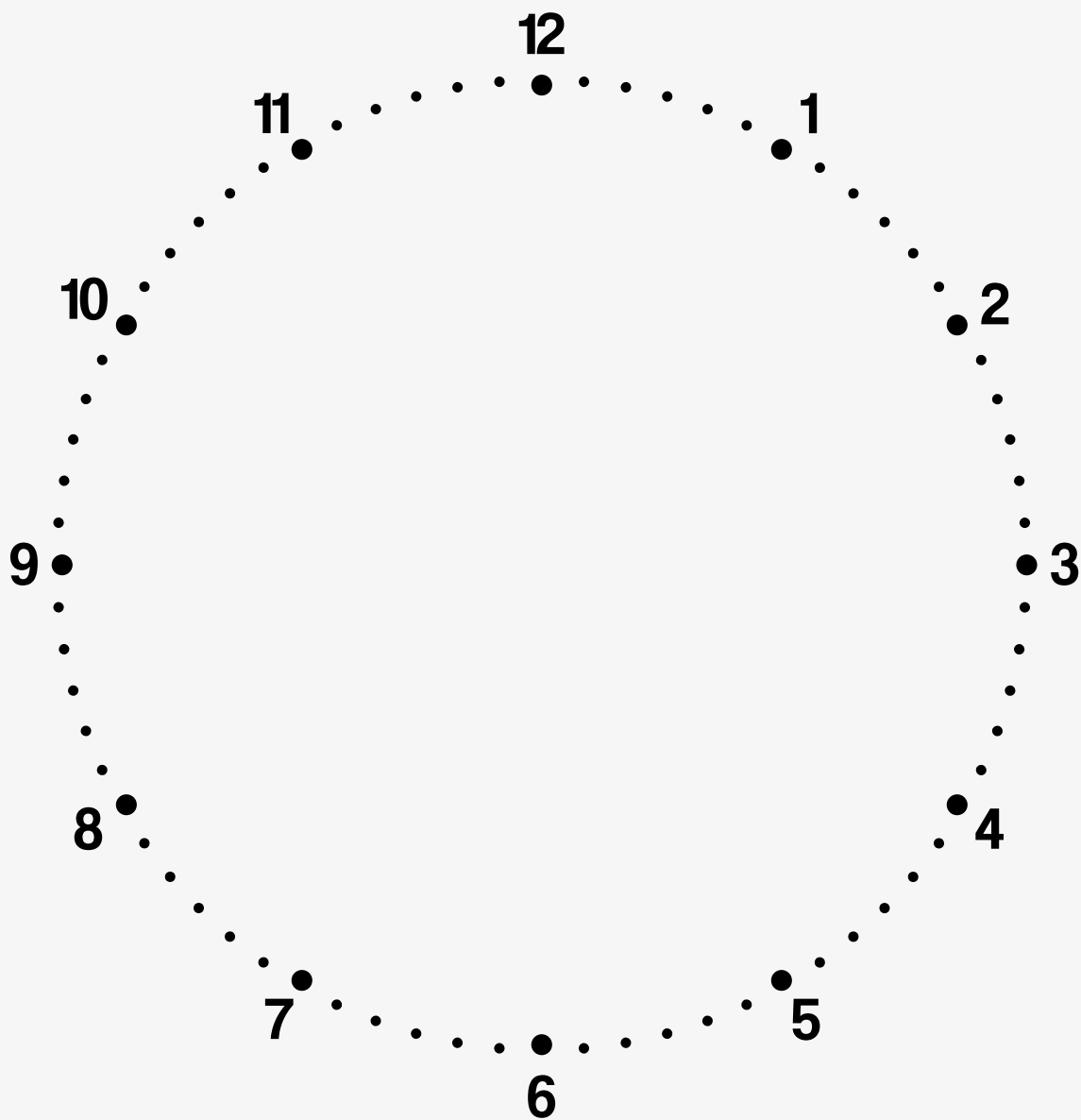
Será que o entrelaçamento entre gênero, raça e classe que marca o trabalho doméstico remunerado nos ajuda a explicar por que essa categoria de trabalhadoras demorou tanto tempo para ter seus direitos equiparados legalmente aos de outras categorias? Será que ele pode nos auxiliar a compreender que a luta das domésticas, como nos lembra Lenira Carvalho, não é só por direitos, mas também pelo reconhecimento social do trabalho doméstico? Pensar sobre esse entrelaçamento pode nos ajudar a entender por que as lutas das trabalhadoras são mais do que conflitos por direitos trabalhistas, mas são também por cidadania.



Anexo I

O que fazemos com o nosso tempo?

Vinte e quatro horas é o tempo de duração de um dia. Você já parou para pensar como vivemos essas 24 horas? No relógio abaixo, marque as atividades que você, ou a pessoa do seu núcleo familiar que você escolheu para tomar como referência, desempenha ao longo do dia.



Anexo II

Subsídios para o “Momento 3: Debate dirigido”

Trechos do livro *A luta que fez crescer e outras reflexões* (2022), de Lenira Carvalho.



Nessa minha vida na casa dos outros, custava-me muito viver com a falta de educação dos ricos. Parece que eles são mais educados, mas na verdade o comportamento e as atitudes deles eram de muita falta de educação. Não valorizam o trabalho da empregada, pelo jeito como eles se comportam na casa, deixando a bagunça para a gente. Ainda hoje é assim: desde que tenha muita empregada dentro de casa, o negócio é deixar tudo desmantelado. Eu varria tanto e, pouco depois, já estava tudo sujo de novo, de tanto jogarem papel e outras coisas no chão. Não adiantava reclamar, porque achavam que eu estava ali para fazer isso mesmo. Eu só tinha a revolta e a angústia. Encerava a casa toda de taco, sem enceradeira, com aquela coisa pesada que era o esfregão e, quando terminava, os meninos derramavam água e outras coisas. Eu pensava em nunca mais trabalhar em casa que tivesse criança. Elas eram quem mais sujavam as coisas, mesmo quando já estavam grandinhas. Os pais geralmente nem ligavam, porque achavam isso normal. Muitas vezes faziam do mesmo jeito que os filhos. Uma das meninas que eu tinha ajudado a criar, já grande, disse-me um dia: “Mas, Lenira, se tem empregada é isso mesmo e se a gente não desmanchar, você não terá serviço para fazer!”

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, páginas 60 e 61.

De 1950, quando comecei a trabalhar, com 14 anos, até hoje, muita coisa mudou. Sentimos que houve uma grande mudança no que se refere à conquista de direitos. O que não mudou foi a discriminação e a cultura que existe sobre o trabalho doméstico. Conquistar uma lei através de uma luta é possível, mas mudar a cultura não é tarefa fácil. Antes de 1988, a patroa pagava o salário mínimo apenas se quisesse; a relação era diferente. Havia uma relação complicada, muito misturada entre o trabalho e o afeto, entre duas mulheres, patroa e empregada. Uma relação que, muitas vezes, era vista como de bondade e afetividade. Essa afetividade que existia e existe ainda torna mais difícil a luta e a briga por direitos e o sentido de classe.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 197.

No mundo capitalista em que vivemos, no qual a vida não tem valor – onde crescem os assassinatos, onde nos hospitais morre-se todos os dias por falta de atendimento –, quando um trabalho dá esse sentido de vida, esse sentido torna-se difícil de ser compreendido, não só pela discriminação sobre o trabalho doméstico, mas também pela cultura que desvaloriza a vida. Essa cultura naturaliza que este é um trabalho de mulher e o desvaloriza, porque realizado no privado. Então, essa é uma de nossas lutas: que o trabalho doméstico seja reconhecido como profissão e em seu valor social.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 194.

Faço parte da categoria profissional das domésticas e, portanto, também desse imenso mundo de trabalhadores. Muitas vezes, porém, somos discriminadas por outras categorias. Hoje, muita gente fala da necessidade de se levar em conta as relações de gênero, mas nem todo mundo sabe o que significa ser mulher, fazer trabalho de mulher. Os homens, trabalhadores de outras categorias, não valorizam muito a nossa presença dentro da luta. Nossa categoria é composta, quase que totalmente, por mulheres. É composta por pessoas geralmente isoladas em cada casa. Raramente, temos uma colega trabalhando na mesma casa. Isso dificulta muito o trabalho de organização de nossa categoria. Não é como no trabalho no campo ou numa fábrica, onde as pessoas trabalham uma ao lado da outra e têm mais possibilidade de conversar sobre os seus problemas comuns. Mas, mesmo sem estar na produção agrícola nem industrial, o nosso trabalho também torna possível todas as outras profissões, porque a gente cuida de algumas coisas indispensáveis na vida de patrões e trabalhadores. A gente cuida do lugar onde as pessoas se alimentam, descansam e se preparam novamente para retornar ao seu trabalho. As centrais sindicais precisam reconhecer a importância de nossa presença no mundo do trabalho.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 143.

Uma coisa também que dizem, e que é uma coisa que marca a doméstica, é que a gente não pode ter direito às coisas porque a gente não produz. Está certo que a gente, numa casa de família, não produz assim tecido como nas fábricas. A gente não produz coisas que vá dar dinheiro. Mas a gente produz dentro dessa sociedade. E foi isso que na medida que eu descobri, eu não me vejo mais uma doméstica isolada no meio do mundo, só com as minhas companheiras domésticas. Eu me vejo dentro de tudo! Até que me prove o contrário, eu participo com as minhas companheiras dentro dessa sociedade. Quando eu cozinho para esses caras que estão lá discutindo, para esses médicos, para esses engenheiros, para tudo, eu estou dando uma contribuição. E eu estou dando uma contribuição também, eu e as minhas companheiras, quando eu estou trabalhando dentro deste país. Eu estou fazendo alguma coisa porque, com tudo que eles querem nos marginalizar, a gente ainda luta para trabalhar, para sobreviver. Na medida que eu luto para sobreviver dentro do país, eu sou responsável e eles têm que ser responsável pela gente também. E isso é que não existe, isso é que é marca.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 149.

Tem muitas patroas que dizem assim para a gente, lá na Associação: “Vocês têm vergonha de ser doméstica. E a gente também é doméstica”. Aí a gente responde: “Minha senhora... A doméstica no caso da gente é empregada. Empregada doméstica. É muito diferente ser doméstica da própria casa e ser empregada doméstica”. E o pior é que o trabalho da empregada doméstica não é nem reconhecido como profissão. A gente é conhecida como “faz tudo”.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 115.

